

# *Password*ou senha para uma língua eventual

Ailton Benedito de Sousa\*

## Línguas nacionais em estado de sítio

*Na exigência de uma política para a língua portuguesa falada no Brasil, política que oriente seus usuários – principalmente aqueles na condição de formadores de opinião – frente à enxurrada de termos, expressões e padrões sintáticos ingleses desencadeados pela atual fase de desenvolvimento tecnológico (em especial os relativos à informática) não nos movem comportamentos ‘patrulhísticos’ próprios aos contextos ditatoriais, nem a aderência a extremado gramatiquismo normativo. Construção aberta às transformações, pronta e acabada são qualificativos que só cabem às línguas mortas.*

*Não nos move, também, o objetivo de querer superpor à lógica própria da língua a que fora dela se encontra. Move-nos o reconhecimento da necessidade de os falantes do português, em especial os brasileiros, voltarem-se para o estudo e cultivo de sua língua e cultura, frente à pressão transformadora trazida pelas novas tecnologias. Defendendo suas idiossincrasias, estamos defendendo nosso modo específico de construir e organizar o espaço vital que herdamos. Cultivando seus modos específicos de dizer, reconhecemo-la como cimento de nossa integração. Caso contrário, corremos o risco de, por omissão, trocarmos uma língua suporte de cultura universal – a terceira mais falada no Ocidente – por um patuá que nem será inglês nem português, condição que infelizmente já caracteriza alguns povos nesse mundo dito globalizado, muitos dos quais vivendo hoje em contexto de anomia: Serra Leoa, Libéria, citados em função da visibilidade que os meios de comunicação de massas lhes têm dado.*

*Também não nos movem impulsos ‘chauvinistas’ contra essa ou aquela nacionalidade, etnia ou cultura. Articulamo-nos em função de tendências mundiais, inerentes à atual configuração do capitalismo em sua terceira revo-*

---

\* Professor, graduado em letras e em engenharia civil, escritor e secretário de *C&P*.

*lução industrial. Segundo Omar Gonzalez Gimenez<sup>1</sup>, nesse final de século 470 milhões de pessoas falam o inglês como língua materna, ao passo que em razão da força da cultura a que dá suporte, que não é exclusivamente inglesa, nem norte-americana ou australiana, um bilhão e quatrocentos milhões de pessoas o falem como segunda língua. Em certos casos, observe-se, esse inglês assume características dialetais, em função da mescla de seu vocabulário e sintaxe com os das línguas autóctones.*

## Língua e desenvolvimento tecnológico

O rápido e desigual desenvolvimento tecnológico neste entre-séculos confronta qualquer língua, enquanto criadora, fixadora, retentora de sentido, com a necessidade de superar-se em termos instrumentais e de criatividade, para a promoção de mudanças - acréscimos, transformações - quer no seu acervo de palavras e nas relações de significado para significado, quer no âmbito das normas para a emissão de mensagens ou cadeias de significados. Criação da cultura, é função da língua, enquanto entidade viva, expressar essa cultura, simbolicamente decalcando, modelando, categorizando o fluxo de eventos naturais e sociais da assumida/construída realidade. Costuma-se identificar-lhe três funções principais: a) de decalque, modelagem, categorização da realidade construída; b) a de persuasão, afetação do outro para que aja de acordo com o interesse específico de alguém; e c) de exteriorização de conteúdos psíquicos, emocionais.

Quando a língua atende a um desenvolvimento científico e industrial autóctone, para o batismo de novos entes tecnológicos (inclusive da tecnologia social), seus falantes podem mergulhar no passado mítico ou histórico comum, em busca do material lingüístico das civilizações de que se assumem descendentes. É o caso das palavras *fotografia*, *automóvel*, *televisão*, *telégrafo*, *cronômetro* etc., hoje universais. Também podem servir-se de todos os processos endógenos para a criação de novas palavras – derivação, composição e outros – de que é exemplo no idioma inglês a palavra *laser*-acrônimo para *light amplification by stimulated emission of radiation*, termo que, como uma marca registrada, ilustra não só o nível de poder dos centros irradiadores de tecnologia, como também a profundidade das interconexões culturais, tendo em vista a origem greco-latina de todas as palavras da frase referida.

<sup>1</sup> Jiménez, Omar Gonzalez: Paradojas de la globalización. Aún estamos vivos, *Comunicación & política*, v. VI, n. 2-3, p. 26, maio-agosto, setembro-dezembro, 1999.

A unidade essencial da espécie humana impõe que toda e qualquer cultura tenha a potencialidade de se universalizar, a depender de sua riqueza intrínseca. Mas impõe-se a legitimação – a aceitação consensual por parte da cultura anfitriã. A partir da revolução renascentista, a intelectualidade européia, de modo geral, por ter o latim como língua de cultura, quer produzindo ciência, quer poesia, semeou suas línguas nativas de termos oriundos da latinidade. Assim, hoje 30% ou mais do vocabulário inglês derivam do latim, fato de que se orgulham os ingleses. Já os povos de língua alemã, não obstante terem participado ativamente da revolução renascentista, de modo geral preferiram traduzir com termos próprios os novos conceitos trazidos pelas artes e ciências do Renascimento. E indo mais além no apego ao que lhe é próprio, quando falam de si para si, usam o ‘seu’ alfabeto gótico.

Questões de natureza política se colocam quando o desenvolvimento tecnológico não é autóctone, não se caracteriza como uma revolução cultural, não traz proposições éticas, não convida o ser humano a ‘renascer’. O atual desenvolvimento tecnológico instaura uma periferia de formações sociais recipientes de ‘caixas pretas’, de conteúdo, para essas formações, ininteligível, trazendo as marcas de uma já efetiva dominação econômica, cultural e militar.

A concentração do poder econômico, científico e tecnológico, no estágio de terceira revolução industrial, entre três ou quatro grandes potências, a terem por suporte principal a língua inglesa, é um dos modos de manifestação dessa excessivamente festejada globalização. Aqui, a dominação também se traduz pela total aquiescência do dominado, levado à condição de ‘aborígene’ frente à cultura hegemônica, aceitando esse *status* como indicador de ‘civilização’ ou modernidade, construindo ele próprio sua completa inaptidão para suprir as necessidades básicas de sua existência. Em *O mito do desenvolvimento*<sup>2</sup>, Ivan Illich no início dos anos 60 já nos mostrava o impasse para o qual nos dirigíamos, ao acentuar que “a explosão demográfica fornece cada vez mais consumidores para tudo, desde alimentos até anticoncepcionais, enquanto a nossa imaginação se retrai e não é capaz de conceber outra forma de satisfazer suas demandas, a não ser através de produtos enlatados que já estão à venda nas sociedades admiradas”.

Vivemos numa fase em que é por todos admitida a morte mediata ou imediata do Estado-nação, embora para as massas este ainda não tenha

---

<sup>2</sup> Illich, Ivan: *O mito do desenvolvimento*, in *Educação hoje*, Ed. Eldorado, 1966, Rio, p.67

substituto como provedor de necessidades básicas, não assumidas pelo seu suposto substituto, o mercado. A propósito da persistente ladainha sobre o ocaso do Estado-nação periférico, cumpre notar que é patente a relação entre ‘língua nacional’, ‘mercado nacional’ e ‘Estado-nação’. A transformação do segundo termo em ‘mercado global’, descaracteriza o trinômio, antecipando mudanças inéditas nas estruturas de organização social da humanidade, impondo redefinições nos padrões de pertinência e identidade para a maioria dos seres humanos, principalmente para os que descendem de povos ex-coloniais, os quais se aferraram aos seus Estados-nações, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, como meio de se equipararem em poder e valor (e em qualidade de vida) aos ex (e/ou atuais) colonizadores.

A meio caminho de objetivos relacionados ao desenvolvimento econômico e social, há Estados-nações (na América Latina, na Ásia continental e do Sudeste) cujas instituições políticas, econômicas e culturais em consolidação há séculos, oferecem mais condições de se oporem às ondas de desagregação inerentes a essa etapa de concentração mundial do poder em todas as suas dimensões. Outros, porém, oriundos tanto do pólo em torno da ex-URSS quanto da fase que após a Segunda Guerra Mundial se acreditou ser ‘o fim do colonialismo’, estão em franco processo de desfazimento.

Observe-se que o contexto de globalização é confortável às grandes empresas transnacionais, protegidas, de um lado, por um sistema militar popularmente chamado de ‘guerra nas estrelas’; e de outro, no nível da opinião pública, por um escudo metafórico chamado mercado (agora global), tendo por suporte um código lingüístico (o inglês) de assimilação obrigatória por parte das culturas dominadas (consumidores), desse modo essas empresas estando isentas de qualquer responsabilidade social, a não ser a de promover o ‘*marketing*’, entre nós entendido como publicidade – a persuasão para consumir. Aliás, o contexto dialético aqui se instaura, porque a proficiência no desempenho da função persuasória da língua nacional exige o conhecimento (logo a manutenção) da língua nacional.

Ao justificar a para ele necessária morte do Estado-nação, Kenichi Ohmae<sup>3</sup>, descrevendo as dificuldades que confrontam o planejamento no nível do mercado nacional, reconhece a incapacidade, da estrutura estatal

---

<sup>3</sup> Ohmae, Kenichi: *O fim do Estado-nação*, trad. Ivo Korytoviski, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1999.

que lhe dá suporte, para a gestão dos 4 *i*'s inerentes ao fluxo econômico na era global:

- a) investimentos (capitais), que hoje concentram-se fora da esfera estatal, principalmente da esfera estatal periférica;
- b) indústrias, que podem ser instaladas num local e daí transferidas em função exclusiva dos critérios do capital financeiro internacional, sem qualquer consideração ao planejamento estratégico nacional;
- c) informação, no sentido de tecnologias da informação (cibernética, robótica, telecomunicação etc.) sob domínio das grandes corporações privadas; e
- d) os indivíduos, consumidores individuais, a que as técnicas persuasórias e novos meios de comunicação transformam em seres que ao terem sede preferem o refrigerante industrializado à água.

Segundo essa visão, marchamos para um Estado-eunuco, sem capacidade de criar utopias, um somatório de instituições prestadoras de serviço, ou seja, um Estado-eventual, configurável e desconfigurável em função da existência ou não de demandas sociais imediatas.

### **Mais algumas das funções da língua**

Aceita a cultura como espaço onde os seres humanos se encontram e confirmam sua pertinência e identidade<sup>4</sup>, aceito ainda que a língua é ao mesmo tempo criação da cultura e instrumento de sua expressão,<sup>5</sup> pode-se concluir quanto às complexas funções que cabem a uma língua na construção do ser, do Eu-consciente, do Outro, dos vínculos de identidade, de pertinência social e cultural, na construção da memória individual e coletiva, e de uma configuração de futuro – ou utopia. Um mínimo de estabilidade no acervo de signos e no repertório de regras para a produção de mensagens caracterizaria a dimensão sincrônica de uma língua. O ideal é que todas as grandes manifestações da cultura tenham expressão a partir de um repertório sintático e vocabular estável. Quem o requer é o nexos da continuidade social entre as gerações de falantes. Daí que julgamos válido, mais que válido, necessário, que uma língua, através de seus falantes, lute por sua sobrevivência, questionando, opondo resistência ao termo invasor, até mesmo combatendo o ritmo hiperbólico com que uma dinâmica

---

<sup>4</sup> Duverger, Maurice, *Teoria Política*, passim.

<sup>5</sup> Matoso Câmara Jr., J. *Princípios de Linguística Geral*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 4ª ed. 1970, p. 21.

social infensa à crítica como a da ocorrente globalização, *introduz, envelhece e substitui* a base tecnológica das sociedades em escala mundial no curto período de uma geração, desse modo envelhecendo e descartando a cultura e palavras autóctones, provisoriamente substituindo-as pelas da língua tecnologicamente hegemônica. Antes que loas, a ocorrente revolução tecnológica deveria despertar preocupação.

Nessa linha de argumentação, a exaltação da transiência<sup>6</sup>, da provocada obsolescência precoce dos produtos tecnológicos, a exaltação do consumismo, do descarte da palavra, da língua, da cultura, deve merecer nossa crítica, pois implica a exaltação do descarte das pessoas, condenadas não só aos lixões dos rejeitos do mercado, mas também da história, da comunidade dos seres pensantes e atuantes.

Como fato aparentemente positivo, na medida que justifica a necessidade de superação do Estado-nação, o economista Kenichi Ohmae (op.cit.) mostra uma sociedade japonesa cujas gerações coetâneas de fato já perderam o nexos de continuidade social: – os da faixa dos setenta anos de idade não mais se entendem com os da faixa dos de cinquenta que, por sua vez, em termos de visão de mundo nada mais têm a ver com os de trinta para baixo. É óbvio que essa diferença de visão de mundo reflete-se, também, em realizações lingüísticas, que se excluem. É de se esperar a ocorrência de drásticas transformações no idioma japonês, principalmente no domínio de sua escrita ideográfica.

Se a aceleração das transformações tecnológicas naturalmente já impõe essa quebra no nexos da continuidade social entre as gerações, mais essa tendência se acentua se há promoção ou indiferença com relação à invasão tecnológico-vocabular estrangeira, no rastro de uma completa rendição e defasagem cultural.

Do ponto de vista de uma cultura determinada, um desenvolvimento histórico desigual pode explicar que em certos domínios da cultura – o científico, o religioso, o filosófico – por exemplo, haja a ocorrência de um maior ou menor percentual de palavras estrangeiras, dessa ou daquela procedência. Fatos historicamente legitimados podem justificar que na Idade Média o conhecimento científico tenha sido veiculado em latim, ou que até há pouco entre nós a missa católica fosse celebrada naquela língua, ou ainda que os cânticos cerimoniais da religião afro-brasileira candomblé sejam aprendidos e executados em iorubá. Considerada sua difusão entre as massas, as ‘tecnologias’ ‘automóvel’, ‘bicicleta’ e ‘futebol’, por exemplo, têm

---

<sup>6</sup> Cf. Toffler, Alvin: *A terceira onda*, 4a. ed. trad. João Távora, Ed. Record, Rio s.d.

em nosso meio a maioria de seus elementos constitutivos expressos por palavras de procedência inglesa ou francesa, hoje quase todas substituídas ou aportuguesadas: guidão (*guidon*), celim (*celin*), capot, *step*, *piston*, *carter*, etc. Vale destacar que no universo do futebol, a língua que falamos, por não ter sofrido a pressão que hoje a coloca na condição de cidade sitiada, tem derrotado a intrusa de modo exemplar: *goal keeper*, virou goleiro; *center forward* virou atacante; *center half*, meio-campo, o mesmo com *corner*, *offside*, *referee*, *coach*. É inimaginável um brasileiro hoje numa partida de futebol chamar o juiz de *referee*.

Merece estudo a situação em que é patente a ausência de fenômeno legitimador - a não ser a 'força' de um complexo cultural e a acomodação a ela - para a explicar a cornucópia de termos de uma única língua, no caso o inglês, a se infiltrarem não nessa ou naquela dimensão cultural erudita de uma língua, no caso o português falado no Brasil, mas em todas as dimensões de base dessa língua e cultura. Aqui, o vetor das transformações é uma tecnologia que tende a ter uso massivo: o computador pessoal e seu ferramental: *browse*, *scroll*, *mouse*, *modem*, *scanner*, *site*, *window*, *provider*, *network*, *home page*, *e-mail*, *plug*, *delete*... verdadeiras *passwords*, ou senhas para a formação de uma língua eventual<sup>7</sup>.

No quadro dos comportamentos econômicos, é pacífica a aceitação do princípio de que a moeda má expulsa a boa. O mesmo parece ocorrer no domínio da língua. A 'inflação' de palavras e padrões sintáticos estrangeiros numa dada língua pode significar para muitos dos falantes:

- a) o reconhecimento de um deficiente grau de desenvolvimento intrínseco dessa cultura a que o falante está vinculado por nascimento, base para que muitos, em consideração à noção de auto-estima, não mais queiram por ela se referenciar, estigmatizando como atrasados os que a ela sem escolhas aderem (caso do repúdio da língua-mãe);
- b) reconhecimento por parte do falante da insuficiência de carga semântica nas palavras tomadas de empréstimo, frente ao custo, inclusive monetário, para que esse falante venha a se apropriar, via aprendizagem formal, de uma parcela desses significados (é o caso, para muitos, diante de termos como *browse*, *logon*, *logoff*, *e-mail*), carência com reflexos no nível de interação social do falante.

<sup>7</sup> "Segundo estudos do Instituto de Francofonia, em todos os correios eletrônicos existentes no mundo a língua inglesa está presente em cerca de 75% das ações; o francês fica em 2,8%; o espanhol em 2,6% e o português em apenas 0,8%, o que dá a perfeita dimensão de que a globalização tem dono." In Niskier, Arnaldo: Internet e língua portuguesa, *O Globo*, Rio, ed. 27/3/00, p.7, cad. Opinião.

Fica, entre aqueles que não compreendem o significado desses termos, o sentimento e a condição efetiva de exclusão do ‘mundo moderno’. No caso das novas gerações, a pressão social faz com que os pais matriculem os filhos em ‘cursinhos’ que lhes ensinarão os comandos básicos para serem ‘usuários’ provisórios de ‘caixas pretas’ que a dinâmica do desenvolvimento tecnológico oligopolizado tornará obsoletas dentro de alguns meses...Nesse contexto, antes que espaço para o encontro, a língua se torna instrumento para acentuar a separação e estratificação dos falantes. Em lugar de termos um brasileiro médio bilíngüe ou trlíngüe, à vontade, sem inibição para com seu povo e cultura, continuamos a tê-lo unilíngüe, com baixa auto-estima, procurando distinção pela imitação do que vem ‘de fora’, enchendo seu vocabulário ativo de termos do tipo *show room, attach, guard rail*, ou construções do tipo “ eu justo acabei de fazer isso”...

### O símbolo lingüístico

Diferentemente do signo (ou estímulo) que na experiência de Pavlov desencadeava no cão uma resposta específica, o símbolo lingüístico é polissêmico, ambíguo, vago, sua decodificação exigindo participação criativa dos falantes. É veículo para a comunicação não apenas no nível ‘mente a mente’, mas principalmente, no nível ‘consciência individual para consigo mesma’, no que é elemento constituinte dessa mesma consciência.<sup>8</sup> Assim, o símbolo lingüístico instaura entre os participantes do processo comunicacional (fonte ou emissor/recebedor) um plano de referência onde estão contidos ‘uma imagem, um conceito/logos e ‘miasmas’ de emoções, sentimentos’, diante dos quais a ‘razão discursiva’ do receptor (*o quid* humano metafísico) manifesta-se e se exerce como da mesma essência da ‘razão discursiva’ da fonte, instaurando o mistério da comunicação, criação e troca de sentido entre os humanos. Aqui, à apresentação do estímulo, não há a resposta cega, imediata e previsível. Aqui, diante da palavra (som e/ou grafia) “gato”, o receptor reflete, discute:.. “*Gato, e daí? Por quê, como, para quê?... gato... Ágil, ladrão, macio, bonito, seguro de si?* A inferência que o receptor faça é indicador para que a fonte prossiga no processo de comunicação, de atribuição e de troca de sentido. Em adição, no sistema língua portuguesa, a palavra ‘gato’ tem como referentes não só a imagem de um animal específico, mas a de um animal precisamente localizado num

<sup>8</sup> Cf. Gustavo Bernardo, in *Redação inquieta*, Editora Globo, Rio de Janeiro, 1985.

contínuo categorizador - reino, espécie, classe, indivíduo, que inclui o leão, o tigre, a onça. Tem, também, o potencial de agregar uma multiplicidade de significados com que a razão discursiva dos falantes possa estabelecer relação. Ao mesmo tempo, ‘gato’ é um termo carregado de sentimentos, juízos de valor, emoções<sup>9</sup>.

A decodificação de um termo (significante) tanto se faz por via de sua *denotação* - referência desse significante ao mundo ‘extensional’ - à ‘realidade’ construída -, quanto por via de sua *conotação* (emocional e lingüística) - compreensão do significado ao mesmo tempo como elemento de um sistema categorizador de explicação do mundo, e como índice-vetor de uma carga de diferentes sentimentos ou valores.

### **A abstração frente à impossibilidade de atribuição de igualdade no âmbito da realidade construída**

A aceitação da possibilidade da existência de dois seres absolutamente iguais implicaria a disponibilidade, por parte do sujeito, de conhecimento infinito sobre esses dois seres, na medida em que podem ser infinitos os elementos que constituem estes ou quaisquer outros entes a ferir nossos sentidos. Quando, dos objetos que nos cercam, temos conhecimento limitado, não cabe dizer que dois ou mais seres quaisquer são idênticos, iguais, senão por abstração, isto é, pela definição dos termos dessa igualdade. Diante de uma floresta onde nenhum indivíduo é igual a outro qualquer, escolhem-se alguns poucos elementos comuns e conspícuos, encontráveis em vários indivíduos vegetais observados – por exemplo, tronco, galhos, copa – nesse sentido abstraindo, desconsiderando a maioria de elementos singulares, de definição difícil porque multifária: raiz, folha, casca, seiva. Assim, para representar os espécimes que ostentam esses poucos elementos em comum, criamos um “ser” a que chamamos *árvore* (Cf. Louis Salomon, op. cit.).

Dito de outro modo, diante da impossibilidade de numa floresta se encontrar e se nomear indivíduos vegetais absolutamente iguais, ou, ampliando o absurdo, dar a cada indivíduo um nome específico, admite-se que a razão discursiva, *abstraindo* uma infinidade de elementos específicos a esse e àquele indivíduo, constrói a classe dos providos de tronco, galhos e copa, batizando-a pelo signo *árvore* – invólucro do conceito cuja definição,

---

<sup>9</sup> Cf. B. Salomon, Louis: *Semantics and common sense*, Brooklin College of the City University of N, York, 1966, pp. 1-36.

repetimos, categoriza os indivíduos do reino vegetal providos de tronco, galhos e copa. O termo *árvore* frente a seu quadro de referência pode ao mesmo tempo ser aplicado a um indivíduo ou a uma categoria, conjunto de iguais por abstração, por isso não se confundindo com arbusto, com cipó, relva ou capim. Dependendo do contexto, porém, o termo *árvore* ao mesmo tempo é ambíguo, vago, aberto à polissemia.<sup>10</sup>

Denotativamente, a palavra *árvore* refere-se a qualquer indivíduo do reino vegetal que satisfaça os termos da definição. Por polissemia, a qualquer mastro, ramificação familiar, a qualquer navio com cuja configuração se possa estabelecer uma metáfora. Conotativamente, a palavra *árvore* remete, por um lado, a um sistema categorizador já referido, expressão de como os falantes do português organizaram e organizam o mundo tomado como real; por outro, a palavra remete à carga emocional que em função do seu significado consolidou-se entre os falantes do português: *árvore*, frutos, provisão, fonte de proteção e de afeto.

Na construção de mensagens, cadeias de significados, o termo receberá ‘determinantes’ que possibilitarão que transite do contexto geral para o particular: *a, aquela, uma árvore grande, solitária, carregada de frutos, que vejo...*

Vale sempre lembrar que o significado ou significados que um termo lingüístico possa ter não lhe é inerente enquanto artefato material, mas reside na ‘mente’ dos falantes. O artefato material, quer em sua expressão gráfica, sonora ou tátil, simplesmente desperta aquilo que é construído de modo virtual: a) por interação direta e jogo de inferências; c) por interação via meios de comunicação, falante a falante, ou, ainda, por reflexão do falante consigo mesmo, a partir do uso de um código lingüístico de natureza social.

## A constituição do agente no ato de nomear

Ao dar nome, batizar o objeto, e, numa mensagem, informar, persuadir e ‘emocionalizar’ o receptor, o sujeito exerce aquele conjunto de habilidades que o distinguem como espécie, como indivíduo e como ser social: abstrai, isola diferenças, define, projeta a si e ao objeto no espaço-

<sup>10</sup> **Árvore.** S.f. vegetal lenhoso, de tronco elevado, com ramos na parte superior. Peça principal de uma roda ou máquina. Mastro. Ramificações de uma família, descritas em forma de árvore. Nome de diversas cristalizações. Navio. (Latim *arbor*) - in Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 3ª ed. 1899, ed. Portugal-Brasil Ltda., Porto, Portugal

tempo, virtualiza-se<sup>11</sup>, julga, embebe a si e ao objeto no irracional mar de emoções ou no espaço dos padrões aceitos como lógicos.

A atribuição do termo ‘secretária eletrônica’ para o inglês *phone tape recorder*, ou *answering system*, por um lado, e sua legitimação social pelo uso entre os brasileiros, por outro, indicam a prévia ocorrência de uma complexa elaboração mente a mente, envolvendo uma definição por parte do falante, cujas bases foram a igualdade de função observada entre o novo elemento tecnológico e o conceito ou ‘modelo’ de secretária na mente do brasileiro comum, modelo cuja função de maior visibilidade consistia no anotar recados telefônicos para seu chefe. Para evitar excesso de ambigüidade, essa ‘secretária virtual’ é adjetivada como ‘eletrônica’. Portanto, não se trata de um simples gravador de mensagens telefônicas, ‘ela’ pode interagir com o falante, além do que é do gênero feminino, assim, num estranho quadro de virtualidades, participando da carga emocional que envolve o universo da mulher. Ao ouvir, pela primeira vez, a expressão ‘secretária eletrônica’, o receptor brasileiro faz as inferências que ilustram o caminho percorrido por aquele que a batizou. Insista-se que nada disso ocorreria, se autoritariamente nos tivessem imposto o exótico *answering system*.

### Conclusão participada autor/leitor

Apliquemos o conteúdo de nossos argumentos a um ‘imigrante ilegal’ muito à vontade em nosso território: o termo *defrag*, um dos comandos muito usados no programa Windows-DOS, imposto e aceito passivamente por nós. Diante desse híbrido mal-formado, o falante do português vê-se completamente divorciado, mais que isso, confuso quanto a uma tentativa de decodificar o significado em inglês, ou de entender o processo material a que se refere esse *defrag*, pelo fato de o termo ter sido composto de modo totalmente contrário à lógica ou ao espírito da língua portuguesa. Em função de sua freqüente ocorrência no uso cotidiano do idioma, o falante do português ‘sabe’ (tem base para inferir) que os prefixos DE,

<sup>11</sup> Três processos de virtualização fizeram emergir a espécie humana: o desenvolvimento das linguagens, a multiplicação das técnicas e a complexificação das instituições. A linguagem, em primeiro lugar, virtualiza um tempo real’ que mantém aquilo que está vivo prisioneiro do aqui e agora. Com isso, ela inaugura o passado, o futuro e, no geral, o Tempo como um reino em si, uma extensão provida da sua própria consistência. A partir da invenção da linguagem, nós, humanos, passamos a habitar *um espaço virtual* (grifo nosso), o fluxo temporal tomado como um todo, que o imediato presente atualiza apenas parcialmente, fugazmente. Nós *existimos*. In Lévy, Pierre: *O que é virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo. Editora 34, 1996, 160 p.

DES, DE(S) trazem a idéia de ação contrária ou movimento de cima para baixo: fazer/desfazer, carregar/descarregar, compor/decompor, induzir/deduzir. Já o radical FRAG/FRAC/FRACT/FRAÇ remete a termos como partição/parte (antônimo: integração) separação (junção), seccionamento (ligamento), fragmento, fração, fracionar (totalidade/unidade/unificação) etc. Parece-nos estranho ao espírito da língua portuguesa, após ter alguém fragmentado um prato de louça, levá-lo ao restaurador para ‘desfragmentá-lo’ ou ‘defragmentá-lo’. Fragmentar o capital de uma empresa, para depois ‘defragmentá-lo’ pela compra de suas ações ou cotas. O contrário da ação fragmentar está mais próximo de integralizar, inteirar, unificar, que do hipervirtual “defragar”. Em defesa dos anglófilos à procura de *passwords* (senhas) para o paraíso da globalização, a única coisa que se pode dizer é que foi desse modo que o latim, após da desagregação do império romano, fragmentou-se dando-nos a língua que, graças a homens como Camões, entre outros, foi, diriam, ‘defragmentada’ para que esses anglófilos hoje insistam em ‘refragmentar’.

### Referências bibliográficas

- Salomon, Louis B.: *Semantics and common sense*, Brooklyn College of the City University of N. York. EUA, 1966.
- Bernardo, Gustavo: *Redação inquieta*, Editora Globo, Rio de Janeiro, 1985.
- Figueiredo, Cândido de: *Novo dicionário da língua portuguesa*, 3ª. ed. 1899, Portugal-Brasil Ltda, Porto, Portugal.
- Illich, Ivan. Garcia, Pedro (org.) *Educação hoje*, Eldorado, Rio de Janeiro, 1966.
- Matoso Câmara Jr., J.: *Princípios de lingüística geral*, Livraria Acadêmica, 4ª. ed. Rio de Janeiro, 1970
- Jiménez, Omar Gonzalez: Paradojas de la globalización. Aún estamos vivos, in *Comunicação & política*, n.2-3, maio-ago, set-dez, 1999, Cebela, Rio de Janeiro.
- Perini, Mário: *Gramática Gerativa – introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*, Ed. Vigília, B. Horizonte, 1976.
- Toffler, Alvin: *A terceira onda*, 4ª. ed. trad. João Távora, Editora Record, Rio de Janeiro, s.d. copyright do autor de 1980.
- Lévy, Pierre: *O que é virtual?*, trad. de Paulo Neves, São Paulo, Editora 34, 1996, 160 p.
- Niskier, Arnaldo: Internet e a língua portuguesa, in *O Globo*, Rio, 3ª.ed.27/3/00 p.8, cad. Opinião.